

PARA QUE SÃO OS POEMAS?

Não sei para que são os poemas.
 Sei que? Não. Os poemas são para?
 Para que os poemas são não sei.
 Não sei para que são os poemas?
 Para que? Não sei. Os poemas são.
 Para poemas, não sei os que são.
 Que são os poemas? Para não sei.
 Os poemas são para que? Não sei.
 Que não sei? Para os poemas são.
 Para os poemas não sei. Que são?
 Sei para que são os poemas. Não.

Tal como em cummings, a crítica dos valores e convenções do mundo, da sociedade e mesmo das formas de expressão artística é realizada através de uma mutação da matéria. Em cummings, era uma mutação no campo tipográfico, ortográfico e morfológico, ao passo que em Havelda esta mutação age mais ao nível daquilo a que poderíamos chamar *interlinguismo*. As estabilidades tradicionais de um falante, fechado dentro de uma só comunidade linguística e cultural, dão lugar às realidades interlinguísticas e multiculturais do mundo contemporâneo, com as suas mutações e efeitos *babelísticos*. Como em YOU'VE DONE IT AGAIN / LÁ VOLTASTE A FAZER, um poema que não surpreende ver dedicado a Bob Perelman, poeta americano do movimento L=A=N=G=U=A=G=E:

it's really very interesting very interesting really
 milyen érdekes tényleg nagyon érdekes nagyon
 nagyon
 muito interessante sinceramente muito muito
 interessante
 vraiment intéressant très très intéressant vraiment
 [...]

Tal como em cummings, a obra poética de John Havelda não pára no limite do texto, mas estende-se para o campo gráfico e plástico. Nesta intersecção, encontramos retratos de palavras e palavras sobre retratos, convidando a um tipo de dança de lei-

turas mútuas. São raros os artistas que assim se movem com à-vontade entre os diferentes meios de expressão e comunicação. Mas são eles os verdadeiros herdeiros do espírito renascentista e é a sua generosidade de visão que melhor poderá mostrar o caminho do futuro. Cito de CAGE:

The thought came to him or then he wondered or it dawned on him or he reflected or none of the above but was passive had he composed the beginnings of a new alphabet with which to coil together new sounds and therefore new experiences or was it just a prolonged doodle on gin?

Martin Earl

«O melhor poeta irlandês desde Yeats» (Seamus Heaney). *Da Terra à Luz. Poemas 1966-1987*, Lisboa, Relógio d'Água, 1997.

Devo dizer que Robert Lowell não é sequer um dos meus poetas preferidos, mas, a respeito da sua afirmação acerca de Heaney que dá título a esta breve nota, sinto que devo inclinar-me e concordar. Apesar do Nobel, a que nunca perdoarei ter esquecido Borges... desta vez, inclino-me e concordo. Apesar da militância velada, talvez de mais dizem alguns, talvez imperdoável, perguntar-se-á tantas vezes o poeta, talvez nem tanto, dirão ainda outros, como eu. E inclino-me e concordo, porque a poesia, se o é por inteiro, como neste caso, sabe que é todas as causas e mais. Por isso, não pode apenas servir subservientemente. É essa a sua grande dignidade e isso que a guarda em nós, «emigrados internos» em que o poeta se inclui. Não será pois de estranhar que Heaney lesse, na cerimónia de entrega do Nobel, o poema «Exposure», de que cito apenas as últimas estrofes em português desta belíssima antologia bilingue que a Relógio d'Água nos traz:

Os absolutos de diamante.
 Nem prisioneiro nem informador,
 Sou um emigrado interno, de cabelo crescido,
 Pensativo; um revoltoso rústico

Fugido ao massacre,
 Usando como escudo as cores
 De tronco e casca de árvores, exposto
 A cada rajada de vento;

Eu, que ao atíçar estas centelhas
 Procurando o seu escasso calor,
 Perdi o prodígio que se vê uma vez só,
 A cintilação rósea do cometa.

(*Da Terra à Luz*: 169)

É, sem dúvida, essa humanidade exposta de atíçar pobres centelhas, procurando o seu escasso calor, que encontramos e partilhamos em Heaney. E serão essa pequenez e essa pobreza que o tornam tão grandioso e lhe oferecem, como sempre lhe ofereceram, a estima do seu povo, que o reconhece espontaneamente como bardo, fazendo da sua obra um dos raros exemplos de *bestseller* de poesia.

A Irlanda e tudo o que ela significa constitui, fundadora e intrinsecamente, a voz do poeta. Uma voz difícil, dura e rude, que nos obriga a ler atentamente, esforçadamente, partilhando assim da dificuldade e da rudeza com que nos fala e de que nos fala o poema. E é precisamente este aspecto que me interessa explorar nesta abordagem, pois as características que acabo de referir mantêm-se, de forma muitíssimo interessante, nesta tradução para o português de Rui Carvalho Homem.

Não seria apenas por esse trabalho minucioso, realizado ao nível sonoro, que o nome do tradutor mereceria, desde logo, a referência. De facto, a editora foi especialmente feliz por conseguir que o maior especialista português de Seamus Heaney oferecesse este trabalho, que, tal como a sua dissertação de doutoramento, resultou de

aturados anos de investigação e reflexão, granjeando-lhe o enorme respeito do próprio escritor. com quem se manteve em contacto nos últimos anos (como pude observar em 1996, na Escócia, num Encontro internacional em que o poeta esteve presente, e em que também eu participava). Refiro isso aqui, porque me parece que muitas vezes nós, portugueses, não reconhecemos a nossa própria competência e merecimento. Quer a tradução, quer o Prefácio e Notas da autoria de Rui Carvalho Homem revelam essa competência e, sem dúvida, o enorme esforço e trabalho de anos que a construíram. Sem qualquer «patrioteirice», faz-nos bem à alma saber que esse esforço, esse trabalho e essa competência de um de nós, um português, é reconhecido «lá fora» e por um Nobel e grande senhor da literatura mundial. Far-nos-ia ainda maior bem à alma, a nós que achamos a poesia importante, se esta antologia de poemas se tornasse, também cá e não só na Irlanda, um grande *bestseller*. Seria indubitavelmente uma grandiosa visão. A mais importante, aquela com que, muito bem, este livro nos deixa:

A ILHA QUE DESAPARECIA

Presumimos um dia radicar-nos
 Para sempre entre as suas colinas azuis
 E a costa árida onde passámos a noite
 De desespero em oração e vigília,
 Mas uma vez colhida a lenha que o mar trouxe,
 Construída uma lareira, e pendurado
 O nosso caldeirão como um firmamento,
 Quebrou-se a 'ha sob os nossos pés como
 uma onda.

A terra que nos sustinha parecia
 Só ter firmeza quando a abraçávamos
In extremis. Tudo o que lá sucedeu,
 Creio, foi visão.

(*Da Terra à Luz*: 169)

Graça Capinha